

Capítulo 8

Vida da Igreja Além da “Obra” (3)

Descobrimos os mal-entendidos sobre os métodos

Um treinando mal-humorado de Anaheim sentou-se à minha frente, tentando relatar por que ele estava tão incomodado com o evento da juventude de Ano Novo. “Eles tiveram uma *ball-drop*, assim como na Times Square.” “Então?” eu perguntei. Ele se contorceu, hesitou, depois saiu com uma série de reclamações sobre tudo que não se encaixava em sua grade religiosa. E havia muitos deles.

“Ignite” e “Mountaintop”, nossos dois eventos anuais da juventude tornaram-se uma espécie de pára-raios para as tensões entre o Centro-Oeste e o sul da Califórnia. Cada um dos eventos de quatro dias estava repleto de coisas aprendidas por meio de oração, examinar ideias em comunhão, vasculhar a Bíblia, observar mega-igrejas, igrejas em células, igrejas comunitárias, algumas igrejas locais de ponta e, em seguida, concluir em um longo e difícil *olhe para o nosso histórico de perda de nossa juventude ou de transformá-los em robôs*.

As conferências resultantes eram um odre completamente irreconhecível para o Movimento Igreja Local e composto de quase tudo condenado pelos púlpitos do LSM. Bandas tocavam música cristã contemporânea, usando bateria e guitarra. Os oradores pregavam sobre tópicos relevantes para seus ouvintes e focavam em nada mais complexo do que a fé cristã básica. As crianças faziam dramas que elas mesmos escreviam, destacando o ponto das mensagens que ouviam. Amigos foram convidados. Trabalhos comunitários foram realizados. Os participantes das igrejas locais cooperaram com os cristãos da área.

Tudo isso testou a constituição dos santos, mesmo de dentro da área Centro-Oeste. Alegações de mundanismo voaram de um lado para o outro. Os blogs da Internet atacaram os eventos. Os pais, pressionados pela política da Igreja Local, mantinham seus filhos em casa, mesmo sabendo que os fins de semana valeriam a pena. As concessões vieram logo após esses distúrbios que eram peculiares por si mesmos. A banda da juventude foi instruída a sair do palco ou colocar uma cortina de chuveiro na frente da bateria. O volume da música foi recusado (para satisfazer as poucas pessoas mais velhas que participaram, mas principalmente aquelas que não estavam lá). Ainda assim, “preocupações” continuavam a surgir. Os líderes de eventos apresentavam mais reclamações decorrentes de conceitos pessoais do que jamais tiveram e, provavelmente, voltaria a ocorrer. Tantas crises surgiram que induziu fadiga psicológica. A “queda de cabelo” atingiu um novo patamar quando uma igreja enviou uma carta severa

protestando contra o uso da palavra “diversão” em uma brochura no topo da montanha. Aparentemente, nós nas Igrejas Locais não nos divertíamos (nossos jovens prontamente concordaram com esse ponto). A palavra “desfrute” era permissível, mas a palavra “diversão” era tabu.

Fora desta área, os porta-vozes previsíveis do Ministério começaram a trabalhar, usando uma conferência internacional para caracterizar o cume das montanhas como adoração de bezerro de ouro. Além disso, foi organizada uma conferência especial de jovens contra os abrolhos, batucando o tema do “voto do nazireu”. Aparentemente, um juramento de “pureza” era necessário para impedir que crianças entediadas do LSM participassem de eventos do Midwest e gostassem delas.

Nesse ínterim, entre os jovens que haviam estado sob o microscópio, haviam ocorrido batismos em larga escala, bem como numerosas consagrações a Cristo, longas noites de oração apaixonadas e um fluxo consistente de incidentes de salvação entre amigos e familiares. Mas tudo isso não significava nada para os críticos. Diante de tantos efeitos positivos inegáveis, eles apenas encolheram os ombros e procuraram por mais falhas. A reação foi semelhante à cena no Evangelho de Marcos, onde o Senhor estava prestes a curar um homem com uma mão ressequida. Os judeus tinham um problema com isso porque era o sábado. Ele perguntou-lhes: “É lícito ...?” (3:4) porque, escondendo-se por trás de sua desaprovação, estavam questões não de graça, mas de legalidade. Ao invés de responder, “eles permaneceram em silêncio” (por enquanto), julgando silenciosamente esse ato premeditado de misericórdia como errado, porque para eles, o fim – uma cura – não justificaria os meios – quebrar o sábado. O Senhor Jesus ficou irado e entristecido por esse raciocínio (3:5). Ele curou o homem, mas isso levou os fariseus a planejar sua destruição (3:6).

Assim, desde o início do Novo Testamento, os métodos empregados no serviço do Evangelho eram uma questão crucial. Como um soberano da sinagoga resumiu: “Há seis dias nos quais os homens devem trabalhar; portanto, venha e seja curado neles, e não no dia de sábado” (Lucas 13:14). Métodos que fugiram das expectativas religiosas não foram apreciados, independentemente de quem foi ajudado no processo.

Uma era de crítica

Os cristãos nunca pareciam se cansar de criticar os métodos uns dos outros. Embora a comunidade dos crentes certamente precise de um fórum de pensamento diversificado e onde seja necessária uma crítica severa, nós facilmente nos esquecemos da amplitude do coração, da busca e do amor fraterno. Isso levou a um caminho desgastado de críticas irresponsáveis. De fato, a

passagem de séculos tem visto muitas vezes o preconceito ignorante disfarçado de “discernimento”. Certamente não é um hábito que surgiu recentemente.

Acho que alguns dos meus escritores cristãos favoritos do início do século XX se expressaram com grande [e] significativo desprazer sobre o uso de “truques” no evangelho. Coisas como jantares de sorvete receberam críticas contundentes como se uma colher de manteiga *pecan* pudesse torpedear com sucesso a glória de Cristo. Hoje essa desaprovação é rejeitada como juvenil e a ideia de servir lanches de cortesia aos visitantes é óbvia. A introdução do piano nas reuniões cristãs provocou uma ação de retaguarda equivalente ao Álamo, dos crentes que ligavam o piano a bares e bebidas. A grande maioria dos cristãos de hoje, no entanto, aceita-o como instrumento inócuo. Há pouco tempo, essas e muitas outras ferramentas do evangelho de vanguarda foram consideradas atalhos ilegais para obter resultados.

Estranhamente, há uma atitude compartilhada por alguns cristãos de que o tempo de alguma forma santifica as coisas. Por isso, os métodos concebidos no passado distante são mais propensos a serem mais sagrados do que os inaugurados hoje. Isso sugere que os bons velhos tempos estão cheios de métodos de ouro, aprovados por Deus, enquanto o presente é desprovido de qualquer coisa valiosa. É mais seguro, concluímos, viver “de volta no tempo”.

No entanto, para sermos realistas, os métodos de eras passadas, para as quais nós solenemente balançamos a cabeça em aprovação, também passaram por manobras de desaprovação quando apareceram pela primeira vez. As pessoas que os introduziram, agora admiradas como heróis da fé, eram consideradas subversivas naquela época por causa de sua disposição de romper com as convenções.

Há trezentos anos atrás, as autoridades religiosas mantinham um sombrio consenso em relação a John Wesley porque ele pregava fora dos prédios da igreja devidamente santificados. Críticos sentiram que ele estava lançando pérolas aos porcos. Intensificando a ofensa, Wesley também organizou reuniões para os crentes em suas casas. Isso tendia a colocar a igreja nas mãos de pessoas comuns, um movimento que ameaçava desestabilizar as estruturas religiosas institucionais. Se houvesse algum método que pudesse manchar a santidade da reputação de Deus (como se pensava), envolveria o evangelho de Deus sendo arrastado por todo o campo. Hoje essas preocupações são risíveis. Cristãos que crêem na Bíblia se recusam a conceder a seus locais de reunião qualquer *status* especial, muito menos como os únicos lugares aprovados onde a Palavra pode ser proclamada. Eles procuram “arrastar” o evangelho para todos os lugares – casa, trabalho, eventos esportivos, *campi* e qualquer outro lugar concebível. Wesley ajudou a criar uma atitude de que o santo invada agressivamente o profano.

Hoje Billy Graham e “controverso” dificilmente pertencem à mesma frase. No entanto, por muitos anos, os evangélicos debateram se ele era muito amplo, chamativo demais, mundano

demais, muito enigmático. As mensagens de Graham eram repletas de pequenas piadas e anedotas. Ele era freqüentemente animado, mudando a entonação enquanto falava. Até mesmo sua vestimenta era um abandono do traje de “homem-de-Deus”. Em vez de antigas roupas clericais, a equipe de Graham adotou casacos e gravatas de terno chamativos. Durante a era hippie, ele cresceu o cabelo visivelmente mais longo. Sua abordagem era ecumênica, evitando pontos de vista teológicos e qualquer outra questão entre os cristãos que pudesse atrapalhar o evangelho. Reações conservadoras a ele incluíam suspeita, leve entretenimento e fortes doses de indignação. No entanto, hoje ninguém, exceto a pessoa mais irracional, pode olhar para os milhões que ele levou a Cristo e condenar sua abordagem. Quanto mais detratores tentam culpar as cruzadas de Billy Graham por detalhes minúsculos, mais mesquinhos eles soam.

O que levantou as sobrancelhas no passado agora não são problemas no radar contemporâneo. Mas há toda uma série de novos ministros dispostos a mais uma vez romper com a convenção por pastos mais verdes. O uso de dramas, da música cristã contemporânea, da dança, de encontros esotéricos (velas, etc.) e sensibilidade cultural são coisas que hoje se opõem àqueles que não aprenderam muito bem as lições da história. Essas almas obstinadas previsivelmente marcam os limites da santidade em algum lugar no passado cerca de trinta anos atrás e então declaram: “Até aqui, mas não mais”. Tudo o que eles estão realmente fazendo é se preparar para ser lembrado amanhã como os fariseus de hoje.

Em alguns casos, mesmo os assuntos contemporâneos que se assemelham aos do passado são desprezados como pertencentes à carne. Um palestrante do LSM denunciou como não espiritual o modo como os jovens ficaram em suas cadeiras durante os eventos juvenis do Meio-Oeste. Coisas idênticas foram feitas no Elden Hall, em Los Angeles, há muito tempo, mas aparentemente as décadas que se passaram de alguma forma canonizaram os eventos barulhentos e apaixonados do passado. O mesmo “pó de fada” ainda está por cair na posição atual da cadeira, nas reuniões noturnas e na música pop “redimida”.

Isso não quer dizer que todos os métodos emergentes sejam necessariamente aceitáveis. Os pregadores não são obrigados a jogar suas gravatas e coletes em favor de camisas de futebol. Os métodos modernos, em si e por si mesmos, não são mais sagrados do que os antigos. Em vez disso, a linha final de nossa análise deve nos lembrar de aprender uma maneira melhor de determinar abordagens do que construir fortalezas na segurança obsoleta do passado. Se devemos esperar o tempo para provar o valor de algo antes de podermos endossá-lo, então isso diz algo sobre nossa incapacidade de conhecer o Espírito presente aqui e agora. Também diz que é mais do que provável que procuremos o precedente em vez da unção do Espírito.

Questões de hoje

Uma discussão de métodos seria incompleta sem alguns exemplos específicos. Então, começaremos com o mais geral – apresentação e embalagem. Com isso me refiro a salas de reunião bem conservadas, com esquemas de cores e decoração inteligentes, terrenos ajardinados em vez de serem os monstros da vizinhança, literatura profissionalmente exposta em papel brilhante com gráficos da moda, reuniões bem executadas, logotipos congregacionais, e muitas outras coisas dessa natureza. Esses itens raramente escapam ao bisturi das mentalidades conservadoras incolores. No Movimento Igreja Local, é difícil dizer de onde a relutância em relação à estética veio com alguma certeza.

Já em seu livro, *The Spiritual Man* [O homem espiritual], Watchman Nee descrevia uma pessoa anímica como alguém que se preocupava com a aparência artística. Na ocasião, Witness Lee era conhecido por punir obreiros de Taiwan que produziam folhetos, convites e programas de cores vivas. Possivelmente, essa e outras afirmações acabaram resultando na extraordinária brandura da apresentação geral do Movimento. Um observador descreveu as aparições da Igreja Local como uma mistura de Taiwan de 1950, da América de 1970 e do *Irmãos Fechados* do século XIX.

Recentemente, o Movimento fez esforços limitados para, pelo menos, parecer moderno, como redesenhar a linha de capas de livros extremamente sem imaginação do LSM. A simplicidade espartana nem sempre é reverenciada como algo digno. Pode aparentar para as pessoas que estamos tentando alcançar como chato, ou pior, como atrasado, barato ou amador. A excelência na apresentação geralmente fala muito alto sobre o quão sério é um grupo em relação aos seus próprios esforços ministeriais.

Outros métodos controversos incluem o uso de equipamentos. As disposições tradicionais são tipicamente perturbadas por tendências tecnológicas emergentes no uso da adoração – powerpoint, projetores, amplificadores, instrumentos elétricos (um próximo capítulo abordará música), iluminação de plataforma e videocliques. O argumento mais razoável contra os serviços tecnológicos é que a mensagem tende a ficar atolada em *gadgets*. Sim, há sempre o perigo de exagerar. Por outro lado, existe muita sensatez em usar equipamentos para amplificar nossa mensagem.

É verdade que o evangelho se espalhou muito bem nos últimos dois milênios sem laptops e software de mídia. Esse ponto pode ser razoavelmente notado. A questão aqui é reconhecer que nossa audiência atual foi preparada para um certo padrão de comunicação. Goste ou não, estamos apelando para uma geração com deficiências de atenção e alta tecnologia. O desafio é ajudá-los a abrir seus corações por tempo suficiente para receber uma colherada de comida espiritual rica

em vitaminas. Não é prudente ignorar o fato de que essa geração foi ativada com ferramentas de todos os tipos. É ainda pior não usar essas mesmas ferramentas quando elas são tão comuns nos locais de trabalho e nas residências. Essa negligência reforça a suposição de que a igreja é antiga e irrelevante e está por trás da coluna de progresso. É verdade que algumas pessoas podem responder mais favoravelmente a um antigo senso de espiritualidade. Os métodos *cavalo-e-buggy* podem gerar um ambiente nostálgico que é ao mesmo tempo novo e confortável. No entanto, devemos lembrar que tais cenários artificiais não representam o mundo em que vivemos. A dissonância entre essas igrejas e a vida real nunca é mais aparente do que após a reunião no estacionamento, onde definitivamente não é 1925.

Entre os mais desprezados de todos os métodos, pelo menos no Movimento da Igreja Local, está o uso de dramas – peças que representam algum ponto de verdade. Uma objeção comum a estes é que a ficção não deve ser usada para dizer a verdade. No entanto, Jesus pensou diferente. Ele regularmente incorporou histórias – parábolas – em seu método de ensino. A maioria destas eram simples adaptações da cultura circundante; outras eram construções mais elaboradas. Com a maioria delas, o Senhor não procurou estabelecer a verdade de seus detalhes declarando os tempos, lugares e nomes dos personagens envolvidos. Os ouvintes presumiram que estavam ouvindo histórias parabólicas, não as notícias da noite. Essas histórias foram poderosamente eficazes porque criaram imagens na mente dos ouvintes, permitindo-lhes apreender conceitos difíceis – “coisas mantidas em segredo desde a fundação do mundo” (Mt 13:35).

Quando uma história ou verdade vai da palavra falada para a representação, ela se torna uma apresentação dramática. Encontramos, por exemplo, Jesus escrevendo no chão para aumentar a seriedade de Sua mensagem (João 8:6). O profeta Ágabo tomou o cinturão de Paulo e amarrou suas próprias mãos e pés, anunciando: “Assim diz o Espírito Santo, assim os judeus de Jerusalém prenderão o homem a quem pertence este cinturão” (Atos 21:11). Por que o drama? Por que não apenas verbalmente realçar o ponto? Deus sabe que quando a visão acompanha o som é um meio poderoso de persuasão. Ele também autorizou esses meios no Antigo Testamento quando ordenou aos profetas que fizessem mensagens à vista de Israel. A intenção era entregar uma palavra tridimensional eficaz a pessoas que se tornaram espiritualmente enfadonhas. Ezequiel foi instruído a retratar uma cidade em uma tábua de argila e depois sitiá-la (Ez. 4:1-3), a recostar-se ao seu lado (Ez 4:4-8) e cortar e queimar seu cabelo (Eze 5). Todos foram feitos para comunicar imagens com palavras. A profundidade de compromisso exigida daqueles que “estrelaram” nesses dramas pode ser intensa. Oséias, por exemplo, foi instruído a se casar com uma prostituta a fim de retratar a Israel como eles haviam se desviado de Deus para os ídolos (Oséias 1:2-3). Ezequiel teve que comer comida cozida sobre o excremento de vaca em chamas

(Ezequiel 4:15) para demonstrar a contaminação vindoura de Israel entre os gentios. Em cada caso, Deus coreografou essas apresentações proféticas para maximizar o impacto na audiência.

A maioria dos crentes que estão profundamente comprometidos com o Movimento Igreja Local nunca pensaram na questão do drama com profundidade real. Nem eles notaram as passagens usadas acima na luz que eu as apresentei. Não é provável que as evidências das escrituras os mudem de ideia, de qualquer forma. A condenação ideológica do drama no Movimento não foi derivada da Bíblia. Veio dos sentimentos pessoais de Witness Lee.¹

Aqueles de nós que puseram de lado esses sentimentos se beneficiaram. No caminho do testemunho pessoal, fui poderosamente afetado pelo drama cristão. Eu vi um que foi bem executado por Willow Creek muitos anos atrás e ainda continua comigo, ou melhor, me assombra até hoje. A mensagem era simples sobre como os pais deveriam ensinar seus filhos sobre a fé. Embora eu já estivesse bastante familiarizado com o pensamento de Deuteronômio, de alguma forma, vê-lo agiu muito mais do que ouvi-lo como uma mensagem falada. Regularmente me lembro com um coração agradecido das advertências naquela apresentação. Os ajustes que eu fui levado a fazer em minha família ajudaram a solidificar meu papel como um mentor espiritual confiável para minha filha. Embora a audição seja a forma mais primitiva de receber o Novo Testamento, não podemos subestimar o poder da visão de acompanhar o som. Afinal, Deus nos criou não apenas com ouvidos, mas com olhos também.

Olhos e ouvidos presos a um drama parecem entretenimento, não é? A palavra eletrônica é apenas mais um termo em nosso vocabulário repleto de insinuações infelizes. Para os religiosos cautelosos, é como um pedaço de queijo *Limburger*, fedendo a diversão. Os métodos que entretêm, acredita-se, estão abaixo dos sérios servos do Senhor. Mas a palavra “entretêr” não significa necessariamente tolice ou frivolidade. Está fortemente ligado à palavra raiz “segurar”. Todos devem concordar que “prender” a atenção de uma pessoa em uma reunião cristã é de vital importância. A alternativa óbvia é que as pessoas adormecerão (na verdade eu vi alguém cair no chão uma vez durante uma mensagem) ou começar a sonhar acordado (talvez cantando mecanicamente “amém” enquanto sua mente está fora na *pesca do Bass*).

Esperamos, com razão, que um visitante seja “mantido” ou “entretenha-se” com o que estamos fazendo, especialmente se for alguém por quem oramos fervorosamente. Se esse tio endurecido está disposto a dar uma chance à nossa igreja, certamente esperamos que ele não venha em um dia em que os santos decidiram negar o entretenimento em favor de coisas mais santas, como bocejar e olhar sobre os olhos.

Nossos métodos testificam o tipo de pessoas que somos e o tipo de Deus que temos. Pequenas coisas em nossa apresentação visível podem percorrer um longo caminho para dizer aos outros que somos pessoas e criativas novas e que nosso Deus nos inspira à excelência. Além

disso, o uso adequado de equipamentos modernos pode facilitar muito a exibição de nossa mensagem. E se a nossa maneira de oferecer a mensagem for capaz de segurar corações, as conexões com Deus ocorrerão.

Uma teologia do método

Os religiosos são excelentes em condenar os outros, especialmente se herdarem um corpo substancial de ensinamentos para fazê-lo. Um escritor contemporâneo, comentando sobre os *Irmãos Fechados* do passado, falou de sua intrincada tipologia como “os felizes campos de caça” dos de mente estreita e de coração pequeno.

Muitos têm pisado nesses terrenos, imaginando ver seus irmãos cristãos retratados através de uma multidão de tipos negativos como bezerros de ouro, Ismael, Moabitas, Filisteus, Babilônia e qualquer outra pessoa ou coisa desfavorável. Sob a influência desse tipo de ensino, os cristãos em geral serão vistos como representando coisas abomináveis e, portanto, não podem ser confiáveis, muito menos honrados.

O apóstolo Paulo disse: “seja na pretensão ou na verdade, Cristo é pregado; e nisto alegrome” (Fp 1:18), mas teríamos dificuldade em concordar. Em vez disso, poderíamos ter falado com ele, dizendo: “os fins não justificam os meios”. Obviamente, Paulo não estava endossando comportamento profano para ganhar convertidos. Ele estava exaltando a pregação de Cristo. Essa foi a sua maior consideração.

As Escrituras não nos mostram um apóstolo Paulo que policiou os esforços de pregação do evangelho pelos crentes e depois os repreendeu por não praticarem “o caminho certo”. Em vez disso, recebemos o sentimento de livros como Filipenses de que Paulo estava desesperado para que Cristo fosse anunciado. Em um enorme mundo antigo, especialmente um sem televisão, telefones, rádio, livros, internet ou transporte moderno, o Evangelho estava à mercê das mãos e pés mortais para o transporte. Nosso ambiente familiar de Jesus hoje fez com que muitos cristãos perdessem esse sentimento de desespero. No entanto, basta sair e pesquisar algumas centenas de pessoas em qualquer *campus*. Faça-lhes perguntas críticas sobre a salvação ou a singularidade de Cristo e você poderá ter outra impressão – que o Evangelho está em perigo de desaparecer. Um comentarista cristão disse recentemente que o Evangelho está sempre a uma geração de distância da extinção. Tendo passado muito tempo no campo, tenho a tendência de concordar. A verdadeira colheita é maior do que podemos lidar em qualquer época. Os trabalhadores com sua palavra de colheita são realmente poucos, exatamente como o Senhor disse. Se parece que os trabalhadores estão pisando nos dedos uns dos outros, isso pode significar que precisamos parar

de nos amontoar no armário de vassouras e sair em meio a pessoas reais. A necessidade lá está muito além do que qualquer igreja ou grupo de igrejas poderia suportar.

Por essa razão, hoje em dia suavizei minha atitude em relação aos ministérios que (de acordo com minha opinião anterior) “emburreceram” sua abordagem para acomodar as massas. Em um recente evento cristão com 10 mil pessoas presentes, me peguei desmontando tudo na minha cabeça, pensando sobre a conveniência dessa ou daquela atividade, o volume e a atitude. Nesse ínterim, os irmãos que estavam dirigindo e que pareciam completamente inconscientes das minhas dificuldades, continuaram a puxar a rede do evangelho e 1.800 responderam. Eu mudei para outra marcha e comecei a me perguntar se algum desses números era real. Quando as pessoas “questionavelmente salvas” preencheram os cartões indicando que queriam continuar com Jesus, fiquei imaginando se era apenas por causa de uma oferta de uma Bíblia livre. Quando estava preocupado com a maneira como as coisas foram feitas, ocorreu-me que eu estava perdendo o ponto. Algumas das pessoas naquela sala nunca teriam ouvido o evangelho para início de conversa, se não fosse por aquela noite. Uma multidão de tal magnitude certamente não poderia se dar ao luxo de esperar cem anos para eu chegar até eles com o meu método “apropriado” de apresentar a Cristo.

Em um mundo onde a colheita é maior do que os trabalhadores, devemos nos alegrar mesmo quando as mãos de campo parecem usar as ferramentas erradas da maneira errada. Mais do que provável, é por isso que Paulo se regozijou, mesmo que os métodos do evangelho fossem pretensiosos. Era melhor do que permitir que as pessoas perecessem sem ouvir o Nome.

Uma objeção bastante direcionada aos métodos modernos repousa sobre a passagem em que Paulo adverte de edificar com “madeira, feno, palha” (1Co 3:12). Como devemos interpretar essas substâncias e, assim, evitar edificar a igreja com elas? No Movimento Igreja Local, os materiais proibidos foram, em diferentes momentos, entendidos como talentos naturais, habilidades, instrumentos musicais, estilos musicais, humor e quaisquer abordagens criativas não sancionadas. Todos foram marcados como produtos do homem natural. Alternativamente, o único meio legítimo de realizar o trabalho espiritual - “ouro, prata, pedras preciosas” - foram os que evoluíram do legado da Igreja Local, praticado por Witness Lee ou especificamente validados pelo atual quadro do LSM.

De fato, o próprio W. Lee disse que eles “usavam apenas a oração, o Espírito e a Palavra” em Taiwan. No entanto, a história mostra que eles usaram marchas de massa, vestimentas do evangelho, *banners* e tambores (de proibições de Deus) em suas bem-sucedidas campanhas evangélicas dos anos 50 – algumas coisas que hoje são lamentadas como “madeira, feno e palha”.

Todos os argumentos à parte, a conhecida advertência de Paulo em 1 Coríntios 3, mais do que provavelmente, não teve nada a ver com esforços positivos para ministrar a Cristo.

Ligando essa passagem de volta ao contexto de 1 Coríntios, “madeira, feno e palha” são mais do que adequadamente definidos no fluxo lógico da epístola. Pois enquanto viajamos para as profundezas do livro, não descobrimos métodos criativos de serviço do evangelho que danifiquem a igreja. Em vez disso, vemos sectarismo, comportamento imoral, ações judiciais, abuso de liberdade pessoal, confusão em relação aos princípios conjugais, insubordinação ao governo de Deus, perversões da ceia do Senhor, uso indevido de dons espirituais, visões distorcidas sobre a ressurreição e preguiça em ofertar. Estas são as coisas que se qualificam como madeira, feno e palha. Imputando significados mais profundos a 1 Coríntios 3:12 que menosprezam boas obras ou métodos espirituais criativos, força o versículo a dizer mais do que realmente diz.

Santos bem-intencionados cujas cabeças estão girando sobre questões de método e prática, muitas vezes tentam resolver sua confusão consultando a Bíblia. Esta é certamente uma intenção nobre, mas entre outras coisas, as escrituras não falam de computadores. Deveríamos, então, banir as máquinas elétricas de alta tecnologia como ferramentas no serviço cristão? O ponto aqui é que a Bíblia simplesmente não resolverá muitas das polêmicas ardentes que cercam os métodos. Há pouco menos de um século, um mestre dos *Irmãos* chamado Harold St. John escreveu:

Em muitas partes do mundo eu me deparei com cristãos profundamente controversos em detalhes como o tempo e o caráter das reuniões, o uso de um órgão ou um solo ou uma reunião especial: muitas vezes é bastante improvável que esses assuntos possam ser resolvidos por um apelo ao texto do Novo Testamento, o que só mostra como é fácil tornar-se tolo quando mais queremos ser solenes (Ironsides, 219).

Se a Bíblia tivesse fixado todos os métodos permitidos antecipadamente entre os obreiros, teria colocado o evangelho em um caixão nos primeiros séculos. A fim de alcançar o mundo inteiro, as boas novas tiveram que saltar um obstáculo após o outro, uma vez que se espalhou para diferentes culturas e percorreu as eras. Precisava permanecer supremamente relevante e culturalmente transcendente. Isso não teria funcionado, se tivesse sido amarrado a uma bolsa ponderada de procedimentos definidos. Como diferenciado da verdade bíblica, que é eterna, os métodos são realmente apenas mecanismos de entrega do evangelho que são sensíveis ao tempo e às pessoas. Como tal, devem ser tremendamente elásticos e, se necessário, descartáveis.

Em vez de tentar antecipar todas as coisas possíveis que um cristão pode fazer a serviço do Senhor e pesar os méritos de cada abordagem, a Bíblia fala de motivos e domínios como fatores mais importantes a serem considerados. Jesus descreveu a maior motivação para qualquer maneira ou trabalho como sendo “a vontade de Meu Pai que está no céu” (Mt 7:21). Paulo falou do desejo de dons espirituais como um motivo admirável, mas depois elevou a fasquia quando

disse: “E, contudo, vos mostro um caminho mais excelente” (1Co 12:31) – o amor (1 Cor. 13). Paulo também expôs motivos (quando os frutos acompanhantes deixaram esses motivos mais do que claros), como quando ele advertiu os crentes gálatas de certos obreiros judaizantes: “Eles vos cortejam com zelo, mas para nada de bom; sim, eles querem excluir vocês, para que vocês sejam zeloso por eles” (Gálatas 4:17). Isso não diz nada sobre o método, mas fala muito sobre os motivos que movem alguns obreiros cristãos – nesse triste caso, para ganhar prosélitos enquanto finge amor por eles.

Além do motivo, Paulo identificou o domínio apropriado do nosso serviço quando disse: “sirvo no meu espírito...” (Rm. 1:9). Mais uma vez, esta declaração não estabelece nenhuma metodologia, mas identifica o poder sagrado e a realidade na qual operamos. Em ambos os casos, os testes subjetivos de motivo e domínio lidam com o funcionamento interno do executor, não com as minúcias das coisas feitas. Assim, nuances triviais de serviço são deixadas em aberto, admitindo potencialmente milhões de maneiras de ministrar o evangelho ao nosso mundo.

Os de coração pequeno balançam a cabeça em desgosto, condenando o uso que a igreja faz dos “meios mundanos e métodos mundanos”, mas poucos fazem uma pausa para considerar como o “mundo” é relativo de um cristão para outro. A Bíblia nos diz que “tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida – não é do Pai, mas sim do mundo” (1 João 2:16). A luxúria e o orgulho constituem o mundo – um critério extremamente subjetivo que torna difícil para uma pessoa julgar outra, especialmente quando a única evidência disponível é baseada em aparências amorais externas. O que é mais mundano e, portanto, não aconselhável para uso em reuniões da igreja – um retroprojektor, uma televisão de 27 polegadas, uma HDTV LCD de tela plana de 68 polegadas ou uma tela de seis pés com um projetor LCD de alta resolução? Aplicando o teste joanino de determinar a luxúria e o orgulho, é impossível dizer, porque ainda não estamos abordando as partes internas daqueles que as usam.

“O mundo” é um apelido conveniente que pode ser colocado em qualquer método de serviço considerado impróprio para uso. Infelizmente, pode gerar o mesmo pânico de gritar “Tubarão!” em uma praia lotada. Assim como os nadadores se retiravam da água, os santos ao ouvir o termo “mundano” fugiram para posições polarizadas. Por meio de métodos de marca, os membros mais rasos e intolerantes de um grupo podem encurralar seus irmãos mais dóceis em todos os tipos de limitações artificiais. Enquanto isso, se a verdade fosse conhecida, o Espírito Santo pode realmente ter tido um sentimento neutro em relação à maioria dessas questões.

Quando o Senhor Jesus disse: “Eu edificarei a Minha igreja”, isso deveria ter nos dado uma pista de que Ele não estaria pedindo a permissão de ninguém sobre como Ele faz as coisas ou através de quem. Como o mestre da obra de edificação de Deus, Ele sabe exatamente como deve ser edificado e tem a palavra final em todo esforço associado a ela. Ele é um glorioso Senhor

com milhões de servos, grandes e pequenos. No entanto, seu escopo de operação e mão de obra disponível é tão amplo que frequentemente ocorre mal-entendidos entre Seus servos. O Senhor opera do outro lado de toda cultura da igreja.

Às vezes, as diferenças entre as tradições congregacionais e as normas eclesiológicas parecem tão distantes quanto a Terra é para a lua. De suas perspectivas limitadas, os servos do Senhor podem ver uns aos outros fazendo coisas de grandes distâncias e acham os métodos irreconhecíveis. Então surge a tentação de condenar um ao outro como “natural”, “carnal” ou “mundano”. Paulo adverte contra isso em Romanos 14:4, quando perguntou: “Quem é você para julgar o servo alheio? Para o seu próprio mestre, ele fica de pé ou cai...” O que você acha inaceitável é o que outro acredita ser um serviço fiel. Mas todos os esforços estão diante do único Senhor e todos os Seus servos darão contas a ele, como Paulo declara alguns versículos depois: “Todos estaremos perante o tribunal de Cristo” (Romanos 14:9).

O reino do serviço pode ser tão pessoal que, além de declarações bíblicas claras que abordem o método em questão ou frutos que claramente demonstrem que algo está errado, é melhor não falar muito contra o que os crentes vizinhos fazem. Caso contrário, ao criticá-los, podemos acabar criticando o Deus que professamos amar e adorar como Aquele que opera dentro deles. Os fariseus fizeram isso quando condenaram a obra do Espírito Santo (Mt 12:24), chamando-a de obra do diabo. Cegos com preconceito religioso e sua visão de sapo no poço, o discernimento saudável estava fora de questão. Como resultado, eles estupidamente cometeram um pecado que nunca seria perdoado.

A natureza humana caída em um crente parece estar excessivamente ocupada com a exatidão do que os outros crentes estão fazendo. Pedro uma vez perguntou ao Senhor a respeito de João: “Senhor, e quanto a este homem?” (João 21:21). O Senhor respondeu: “O que isso importa para você? Você me siga.” Sua réplica foi uma maneira muito direta de dizer: “Cuide da sua vida.” Na verdade, devemos ter preocupações suficientes sobre as deficiências de nosso serviço pessoal para nos manter ocupados. Quanto aos outros, confiamos que, enquanto eles trabalham sem prejudicar seus companheiros escravos, podemos pacificamente deixá-los ao julgamento de seu Mestre. Devemos ter cuidado de cair no exemplo de Tiago e João que proibiram outros obreiros e, em vez disso, nos apegamos à atitude magnânima do Senhor: “Aquele que não é contra nós é por nós” (Marcos 9:40).

Manipulando Métodos Adequadamente

Dois mil anos de lidar com a mensagem cristã levaram a uma diversidade de caminhos criativos para expo-la. Embora muitos grupos tenham tentado codificar uma metodologia para

todos os outros, o uso de qualquer meio de serviço deve ser resolvido no nível da consciência, não do mandato. Como isso é subjetivo para o fazedor, não há um livro de regras para conferir. A tradição pode oferecer alguns pontos de referência úteis, mas, em última análise, ficará aquém das necessidades atuais.

O próprio Senhor Jesus foi pioneiro em abordagens para a restauração de pecadores que estavam tão fora de sintonia com o sentimento judaico que Ele foi frequentemente acusado de ir longe demais. Até mesmo a sensibilidade cristã é desafiada quando se considera o que Ele fez para ter certeza de que Sua mensagem foi ouvida. Por exemplo, Sua participação em eventos alcoólicos era conhecida a tal ponto que os outros o chamavam “um glutão e um bebedor de vinho, um amigo de cobradores de impostos e pecadores” (Mt 11:19). Embora eu duvide que o Senhor estivesse bêbado nessas funções, também duvido que ele comparecesse como abstêmico de *pooping* partidário. Em uma ocasião impressionante, Jesus até mesmo forneceu o vinho quando uma festa de casamento secou (João 2). Me poupe dos argumentos extravagantes. O modo como o veterano bebe vinho no casamento apreciou o que Ele lhes deu, podemos dizer com segurança que provavelmente não era a variedade não-alcoólica (João 2:10).

A questão do equilíbrio deve necessariamente surgir aqui. Como nos mantemos relevantes para a comunidade ao nosso redor e, ainda assim, não absorvemos seus excessos pecaminosos? A igreja em Corinto teve que encontrar essa resposta. Sua má condição revelou que os valores da cidade “moralmente aberta” em torno dela haviam penetrado alguns dos santos e os danificado. Ao lidar com essa questão, existem alguns recursos de segurança atemporais que todo crente faria bem em lembrar. Isto é, nada protege mais o cristão do que uma vida pessoal de andar no Espírito, estar cheio da verdade, ter uma responsabilidade saudável com os outros e sempre lembrar em algum nível nossa missão de levar as pessoas a Cristo. Ir ao “banquete” ou manusear itens sem essa espiritualidade básica nos deixará expostos a incursões do inimigo.

Naturalmente, cristãos insalubres com fraquezas para certas coisas não devem mergulhar em configurações que possam acabar com eles. Um grupo com o qual estou familiarizado incentivou seus membros a se conectarem e pregarem o evangelho pela internet. Vários homens, no entanto, acabaram se envolvendo com pornografia na internet. Este é um exemplo de um exercício de bom coração – a pregação no ciberespaço, sem a proteção dos princípios fundamentais. Eu também vi casos de músicos cristãos que foram marginalizados porque gostavam de fazer música em reuniões cristãs, mas perderam o interesse em trazer pessoas para Cristo com isso. Seu serviço rapidamente se degradou em desempenho. Somente os fundamentos do Espírito, verdade, responsabilidade e missão podem conferir algum grau de legitimidade espiritual aos meios de nosso serviço.

Escolhendo métodos como equipe

Uma assembléia local de crentes que participou de uma atividade de evangelismo pode certamente escolher diante do Senhor como realizar sua própria obra. Outros não devem julgá-los apressadamente. Somente os santos que estão diretamente envolvidos no trabalho têm o direito de julgar os métodos empregados. Pessoas de fora que não participaram da evolução espiritual desse encargo, da oração, da busca, da prática ou do conhecimento íntimo do público e do cenário em particular devem ser conservadores em suas avaliações sobre isso.

A igreja aqui em Columbus experimentou isso em relação ao nosso trabalho no *campus*. Enquanto os obreiros trabalhavam lá, eles procuravam criar um ambiente jovem para a obra em geral. Isso significou mudanças na música, atividades e estilo. A comunidade em que trabalhavam – a Geração do Milênio – pedia métodos distintos daqueles habitualmente empregados entre pessoas de meia-idade. Tampouco poderia ser a mesma abordagem que o glorioso trabalho juvenil de trinta anos atrás, ou mesmo o típico trabalho juvenil de “segunda geração” que vinha se desenvolvendo nos últimos tempos.

A liderança da igreja concedeu uma considerável medida de autonomia aos líderes do *campus*, entendendo que somente aqueles diretamente envolvidos no trabalho poderiam realisticamente tomar as grandes decisões necessárias para otimizá-lo. Seria necessária a liderança de pessoas cujo círculo de vida incluía continuamente contato casual com estudantes universitários, cultura juvenil, pensamentos, gostos, atitudes e modos contemporâneos. E, ponderamos, se fosse esse o caso, aqueles de nós que não faziam parte daquele “mundo” teriam permissão de criticar levemente os métodos que surgiram lá.

Além das claras proibições morais e éticas das escrituras, não cabe aos observadores desatendidos pronunciar-se sobre os métodos de um grupo de trabalho. Às vezes, no entanto, na mesma congregação ou grupo de serviço, surgem desacordos quanto ao uso de vários estilos ministeriais. Obviamente, esta é uma situação diferente, pois agora surgem objeções de dentro e não de fora.

A sensibilidade e o tato devem predominar porque existe um mandado bíblico para não fazer tropeçar os outros (Mt 18:6; 1Coríntios 8:9). Entre outras coisas, isso não envolve a introdução prematura de santos em coisas que suas consciências não podem suportar. Ninguém deve ser tão duro de coração para avançar sem levar em conta as convicções dos outros. No entanto, onde tentamos praticar esse tipo de respeito, alguns infelizmente adquiriram o hábito de jogar a carta “não fazer tropeçar os outros”. Isto é, sempre que eles, a minoria, desaprovavam alguma coisa, gritavam “consciência!” Esperando superar todos os demais. É assim que algumas pessoas podem se tornar o gargalo, sufocando todo um esforço ministerial. Mas se o princípio

bíblico de honrar todas as consciências ocorre sem uma quantidade generosa de sabedoria em paralelo, a igreja vai parar. Uma congregação que pratica a unanimidade de opinião antes de fazer qualquer coisa rapidamente se encontrará atolada em uma multiplicidade de detalhes mínimos cruzados. Só terá sucesso em ser tão amplo quanto sua consciência mais estreita.

Infelizmente estamos inclinados a fazer provisões especiais para pessoas de coração pequeno, porque elas tendem a ser tão ferozes com condenações inúteis. Os crentes de coração largo, por outro lado, estão dispostos a ceder e abandonar ideias em vez de ofender. Isso, embora aparentemente nobre e no espírito de 1Coríntios 8, na verdade cria um problema que Paulo nunca pretendeu que tivéssemos. Se ele estender o princípio de 1Coríntios 8 para o contexto mais amplo dos esforços ministeriais, então ele mesmo não teria sido capaz de fazer muito no sentido de alcançar o mundo gentio. Sabemos, de fato, que havia um amplo espectro de sentimentos sobre a obra de Paulo que existia entre as igrejas (Atos 21:20-21), outros apóstolos (Gálatas 2:14) e, às vezes, entre ele e seus cooperadores (Atos 15:36-39). Ainda assim, ele mantinha uma liberdade pessoal de método quando se tratava de realizar sua própria comissão, e por isso ele podia dizer: “Tornei-me tudo para todos os homens a fim de salvar a todos” (1 Cor 9:22).

No reino da vida diária da igreja, Paulo era cuidadoso com sua vida na frente dos outros. Ele estava entre muitos tipos diferentes de pessoas que Deus escolheu e reuniu. No entanto, quando chegou ao seu ministério, teve o cuidado de selecionar apenas aqueles que pudessem pacificamente trabalhar com ele. Este exemplo sugere que empreendimentos espirituais específicos deveriam envolver apenas almas com a mesma mentalidade. Jogar uma rede sobre toda uma congregação e exigir o envolvimento de cada um em um determinado trabalho pode ser muito presunçoso e estragar as liberdades pessoais básicas.

Recentemente iniciei uma certa atividade que o Senhor havia me pressionado por algum tempo. Ao invés de dizer aos irmãos ao meu redor: “Nós estaremos fazendo isto ou aquilo”, eu descrevi a eles o que eu senti, mostrei a eles como eu achava que deveria ser realizado, e então perguntei se eles queriam se envolver (sem fazer eles se sentirem mal se não o fizessem). Alguns consentiram. Outros graciosamente se inclinaram em favor de fazer outra coisa, e outros ainda decidiram se juntar a mim apenas por um tempo limitado. O gasto de energia por trás desse processo valeu a pena. Colocando uma coroa sobre a fraternidade e o respeito mútuo na frente, as chances de problemas de consciência surgindo mais tarde sobre coisas como a metodologia são minimizadas.

Existem, no entanto, cenários que não permitem a não participação. Por exemplo, quando mudanças radicais acontecem no nível de revisão de todas as reuniões da igreja, todos serão afetados. Isso pode se tornar desagradável, especialmente porque muitos santos ainda hesitam em empregar métodos que não faziam parte do passado do Movimento Igreja Local.

Talvez igrejas maiores tenham a opção de oferecer várias reuniões com diferentes estilos; os menores podem não ter esse luxo.

Quando toda a igreja está considerando novos estilos de ministério, duas coisas devem ocupar a comunhão: uma visão indicando quem ela espera alcançar, e uma educação da consciência a partir das escrituras. Uma vez que a igreja identifique o grupo de pessoas que deseja alcançar, as decisões sobre formas apropriadas de divulgação tornam-se mais fáceis de serem feitas.

Em segundo lugar, os líderes em uma situação de igreja em mudança devem fazer o melhor para educar as consciências de acordo com as escrituras, em vez de deixá-las moldadas por conceitos inadequados anteriores. Os crentes são propensos a se incomodar com a menor mudança no método se tiverem passado um tempo significativo sendo moldados sob trilhos e vistas estreitas. Em Columbus, os participantes do acampamento do LSM foram programados de maneira tão minuciosa a respeito do que era permitido e do que era “mundano”, que não havia como alcançá-los, mesmo com o uso sensato da Bíblia. É claro que o caso deles foi extremamente complicado por causa de seu compromisso com uma ideologia pré-empacotada.

Em condições normais, pessoas justas podem ser ajudadas a entender que há uma diferença entre interpretações preconceituosas e o que a Bíblia realmente diz. Se uma passagem não condena algo, então não deve ser “ajudada” a condená-lo. Talvez esse seja o princípio interpretativo mais simples de todos. Estabelecendo um filtro desse tipo, os santos podem começar a adotar uma maneira mais razoável de processar questões relativas a métodos. Também ao fazer isso, os membros da igreja podem ser ajudados a diferenciar questões de consciência da preferência pessoal. Muitos confundiram os dois, achando que, se não gostam de algo, isso significa que está errado. A consciência diz: “isso é pecado”. A preferência diz: “Eu não gosto disso”. Há uma enorme diferença. Por exemplo, você pode preferir hinos tradicionais à música cristã contemporânea. Não há nada de errado em se sentir assim. No entanto, dar mais um passo para dizer: “A música do hinário é piedosa e a música cristã contemporânea é má” cruza uma linha. A distinção entre pecado e gosto pessoal fica embaçada.

De fato, a distância entre essas duas coisas é imensa, e é por isso que a educação de acordo com a Bíblia é tão importante. Convicções relativas a questões tão grandes como pecado e retidão devem ser baseadas nas escrituras e não nas preferências pessoais, culturais ou geracionais.

Ocasionalmente, será impossível para uma congregação reunir-se em torno de uma mudança devido a diferenças de consciência (ou mesmo de gostos pessoais). Às vezes o ponto de colisão é prático. Pode simplesmente tornar-se contraproducente levar a cabo um novo encargo

dentro da igreja, enquanto uma carga maior já existe. Os métodos requeridos pela carga emergente podem não ser apropriados para a igreja em geral.

Isso foi parte de nossa percepção em Columbus quando decidimos liberar nossa equipe de ministério da faculdade e permitir que eles tivessem sua própria reunião de domingo de manhã no *campus*. Não apenas os líderes do *campus* precisavam de uma chance de crescer e se desenvolver em seu próprio campo, mas também coisas como transporte, apresentação e certas dinâmicas comunitárias significavam que muitos alunos não estavam se juntando a nós nos subúrbios. Em vez de forçar toda a igreja a se transformar em outra coisa, percebemos que era hora de plantar uma equipe sobrecarregada ali mesmo na universidade. Isso aconteceu com o entendimento de que a comunhão continuaria não apenas no nível de liderança, mas também no indivíduo e na congregação.

Os métodos devem ser o resultado de oração e consideração. Entretanto, se você ficou congelado por tempo suficiente sob uma cultura restritiva da igreja, às vezes a mente precisará de ajuda para descongelar. Isso é especialmente verdadeiro se seus métodos atuais puderem ser contados em uma mão: reuniões do evangelho, festas de amor, reuniões em casa e estudos bíblicos. Ajuda externa pode ser útil. Tente referenciar livros como “101 maneiras de alcançar sua comunidade” ou “cinquenta maneiras de pregar o evangelho”.

Uma metodologia mais ampla não significa que devemos suspender o discernimento e permitir tudo na igreja. Obviamente, devemos medir as coisas com as escrituras - “Isto é proibido na Bíblia?” Então devemos perguntar sobre motivos - “Por que estamos fazendo isso?” E “Parece bom a nós e ao Espírito Santo?” métodos como Paulo fez: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas as coisas convêm” - em outras palavras, esse método é o meio mais conveniente de alcançar as pessoas e eu sou a pessoa certa para estar envolvida nisso? Novos métodos podem ser introduzidos “numa base experimental” e sujeitos a avaliação após algum tempo. Eles estão alcançando as metas para as quais foram projetados? Eles precisam ser modificados ou mesmo terminados?

Finalmente, honre a consciência dos santos e, ao mesmo tempo, não permita que eles estrangulem o que o Senhor está fazendo em outros santos. Tendo passado por essa grade, os métodos serão um meio de bênção e não de mal-entendido.

Ironside, H.A. *A Historical Sketch of the Brethren Movement* (Loizxeau Brothers, 1985).

Nota de rodapé 1: A seguir, a exposição do Presidente do LSM, Benson Phillips, sobre o motivo pelo qual o drama é inaceitável entre as Igrejas Locais:

“O irmão Lee nunca usou meios impróprios para realizar o mover do Senhor. Certa vez, um irmão estava ajudando com um programa de formatura para as crianças. Tinha muitos dramas e peças. O irmão Lee

veio e viu. Ele não disse uma palavra; ele apenas saiu. Mais tarde, entre todos os cooperadores, ele disse a este irmão: ‘O que você fez? Em setenta anos na restauração do Senhor, nunca usamos dramas, peças de teatro ou esse tipo de atividade. No entanto, você trouxe isso para a restauração do Senhor depois de setenta anos. O que você está fazendo?’ Esse irmão não era diretamente responsável, mas o irmão Lee o responsabilizava dessa maneira.” [BP, The Ministry, vol. 8, não. 6, (junho de 2004) p.97].

Observe que **nenhuma referência é feita às Escrituras**, apenas à preferência pessoal de Witness Lee e apelo à tradição.